

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14535754>

Projeto de vida profissional de estudantes de psicologia: um estudo no campo da moral e da ética

Elzenita Falcão de Abreu
zeyth@bol.com.br
Universidade Federal do Vale do São Francisco

Resumo

Esta pesquisa objetivou analisar e comparar, na perspectiva da moral e da ética, as concepções e valores construídos por estudantes de Psicologia da UNIVASF acerca da formação acadêmica, verificando quais são os seus projetos profissionais. O projeto de vida profissional foi pensado como sendo o que os estudantes querem ou esperam do futuro, os meios considerados para atingir o que almejam, além dos fatores sociais que podem estar subjacentes a essas perspectivas de vida profissional. A amostra foi de 50 alunos de Psicologia, sendo 18 do primeiro período, 16 do quarto período e 16 do oitavo período. A coleta foi realizada na universidade onde estudam os participantes. Foram aplicados questionários com perguntas fechadas e com *frases incompletas* para que eles completassem de acordo com suas concepções. As categorias das respostas dos participantes da pesquisa foram formuladas com a finalidade de tornar possíveis as análises que se pretendiam realizar, e o tratamento dos dados englobou as análises qualitativa e quantitativa. Os resultados apontaram um entendimento dos futuros profissionais da psicologia do seu papel social a partir de uma prática que visa *o cuidar* efetivamente do outro, aceitando-o legitimamente, e, ao mesmo tempo, uma preocupação com a falta de conduta moral e ética que vêm identificando nos profissionais atuantes na área. Esta pesquisa pretendeu acrescentar às investigações sobre projeto de vida um estudo sobre projeto de vida profissional, o qual certamente acrescentará dados importantes à compreensão do caminho que está sendo traçado para a sociedade pelos profissionais nela inseridos.

Palavras-chave: Estudante de Psicologia, Projeto de vida profissional, Moral e ética.

Apresentação

Inicialmente, sente-se a necessidade de apresentar e explicitar o tema escolhido para esta pesquisa, bem como sua relevância social e científica. Esse interesse diz respeito ao tema específico do valor da vida, quando associado ao campo de estudos sobre a moralidade.

Expõe-se o que Singer (1993) entende por valor da vida, valor dos interesses e valor do sujeito. De acordo com sua concepção, ao se discutir o que é ético ou não ético, não se pode partir apenas do próprio ponto de vista, ou melhor, levar em conta apenas o próprio interesse. Todo juízo ético parte da ideia de que o princípio que rege a ação realizada por um sujeito moral deveria ser aceito por outra pessoa, se ela estivesse nas mesmas condições que a primeira. Logo, para que uma ação que beneficia determinado sujeito moral seja ética, ela tem de ser válida para outras pessoas, em iguais circunstâncias.

Para falar de ética, como também de moral, este estudo focalizará principalmente os estudos realizados pelo psicólogo Yves de La Taille (1992a, 1992b, 2002, 2004, 2006, 2007), professor do Instituto de Psicologia da USP, embora existam outros autores com importantes trabalhos no campo da moralidade que serão posteriormente contemplados. Esse investigador do

desenvolvimento moral acredita que a moral e a ética são pontos fundamentais para se pensar na educação e no desenvolvimento do indivíduo.

O projeto de vida profissional será pensado como sendo o que os estudantes querem ou esperam do futuro, os meios considerados para atingir o que almejam, além dos fatores sociais que podem estar subjacentes a essas perspectivas de vida profissional.

A democratização da educação no Brasil, inclusive a de terceiro grau, vem exigindo especial atenção para a qualidade do ensino. Espera-se que a escola e a universidade estejam voltadas para uma formação social e crítica na expectativa de que seja construída uma sociedade mais democrática e mais humana. Faz-se necessário pensar na educação como promotora de reflexões que instiguem propostas de ação que incorporem valores e princípio éticos.

Existe hoje uma importante preocupação com o compromisso político-social que embasa a prática profissional, o qual deve estar presente durante toda a formação. No entanto, tão relevantes quanto os princípios que devem pautar as relações entre colegas são as práticas que desenvolvem enquanto indivíduos responsáveis pela produção e disseminação de conhecimento e as relações profissionais que irão desenvolver com outros indivíduos, organizações, grupos ou comunidades.

As rápidas e constantes mudanças socioculturais construíram e estão construindo modelos de atuação bem mais abrangentes, mais associados à ação de outros profissionais, lidando com contextos e questões que não se restringem a um indivíduo isolado, a-histórico e desvinculado das suas condições concretas de existência. Desta forma, faz-se necessário que o compromisso ético persiga todas as atividades da formação acadêmica, curriculares e extracurriculares, de forma a garantir o desenvolvimento de uma atitude ética.

Os temas da ética e da moral têm sido muito discutidos, de modos diversos. Ambas dizem respeito à convivência social, comportamento humano e valores, e essa discussão tem se tornado importante para pensarmos as construções sociais que estamos efetivando. Logo, a pesquisa aqui proposta intenciona investigar quais as concepções e valores construídos pelos estudantes de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF – acerca da formação acadêmica e quais são os seus projetos profissionais. Pretende-se estudar o projeto de vida profissional na tentativa de compreender, sobretudo, o que planejam para suas vidas profissionais, o que julgam ser importante para a realização desses planos, e por que pensam dessa maneira.

Um ponto fundamental para o entendimento da pesquisa é compreender o projeto de vida profissional como um processo delimitado não só pelo sujeito, mas também por condições socioculturais e pela existência de outras pessoas com quem o autor do projeto planeja, ou não, compartilhar e estabelecer o seu futuro. O que pensam os estudantes a respeito da sua formação? Quais são seus planos e projetos para o desempenho da profissão? Que fatores sociais podem estar subjacentes a essas perspectivas de vida?

Dessa forma, há a possibilidade de relacionar o projeto de vida profissional às questões éticas/morais, considerando que o ser humano, como um ser social, estabelece relações com outros homens, com o mundo que o cerca, com sua realidade e perspectivas por ele vislumbradas. Tais relações, em especial entre as pessoas, podem sugerir que se pense sobre o lugar ocupado pelos indivíduos e que essa escolha está relacionada com os valores morais construídos, com as regras e deveres que cada ser humano acredita serem determinantes em seu modo de agir.

Introdução

Moral e ética

Yves De La Taille vem investindo seus estudos na Psicologia Moral, na busca de identificar e explicar por quais processos mentais um indivíduo chega a intimamente legitimar, ou não, as regras, princípios e valores morais. Tem discutido as possibilidades cognitivas e afetivas de agir de modo moral/ético, de comportar-se pautando suas ações em ideais éticos e valores morais.

Ao buscar definir moral, La Taille (2002, p. 157) afirma: “[...] chamamos de moral um conjunto de deveres, logo, de obrigações ou imperativos que o sujeito coloca para si”. Nesse sentido, o homem deve ter a possibilidade de considerar, ou não, a moral para orientar sua conduta. No entanto, enfatiza que a obrigatoriedade das ações deve partir do reconhecimento dos direitos alheios e da dignidade que é inerente a todo ser humano. Para ele, a dimensão dos deveres deve estar voltada para a pergunta “como devo agir?” Logo, essa deve ser a pergunta da moral.

Quanto à ética, o autor em questão, procura relacioná-la ao sentido da vida, à busca da felicidade, à reflexão sobre “que vida eu quero viver?” Parte do princípio de que nesta vida deve-se incluir outrem, ou seja, que a vida para ser ética deve ser pensada do ponto de vista da articulação do individual e do coletivo. É necessário que avaliações pessoais a respeito de se estar vivendo, ou não, uma “vida boa” sejam feitas no sentido de se tomar consciência da direção que se está dando à vida. La Taille (2006, p. 45-46) diz:

[...] a tomada de consciência de si é tomada de consciência das próprias ações no mundo, tomada de consciência a partir do viver, da *práxis*. Portanto, a identidade é uma construção realizada a partir de atos concretos da vida, a partir do “como viver”. Se há indissociabilidade entre identidade e as características da “vida vivida”, a *fortiori*, as respostas dadas à pergunta “como quero viver?” são inseparáveis das respostas dadas à pergunta “quem eu quero ser?”.

Ele considera que o plano ético engloba o plano moral, e parte do princípio de que é preciso conhecer a perspectiva ética que os indivíduos adotam para poder compreender seus comportamentos morais. Identifica no plano ético as motivações que explicam as ações no plano moral, pois é a esta dimensão motivacional que corresponde o *querer fazer*, ao que ele chama da dimensão afetiva da moral.

Para fundamentar seus estudos no campo da moralidade, La Taille apresenta, sobretudo, as ideias de Piaget sobre o desenvolvimento moral, as quais são situadas no contexto amplo da epistemologia genética.

Piaget desenvolve seu estudo a respeito do juízo moral e o apresenta em seu livro *O Juízo Moral na Criança* (trabalho original publicado em 1932), no qual não se preocupa com ações e sentimentos morais e, sim, com o papel da racionalidade. Assim, sua dedicação na dimensão racional da moralidade é clara em sua obra, embora tenha falado da afetividade, “[...] mas de uma forma que permite avaliar o quanto a razão é, para ele, dimensão moral incontornável” (LA TAILLE, 2006, p. 17).

Em La Taille (2006), percebe-se uma preocupação em articular as duas dimensões da moral – razão e afetividade. A primeira ele relaciona ao *saber fazer* moral, considerada competência cognitiva. A segunda, considerada competência afetiva, corresponde ao *querer fazer* moral. Identifica-se com Piaget ao considerar que a afetividade é a energética da ação e que a inteligência corresponde às estruturas mentais que a guiam. Logo, as duas dimensões se desenvolvem juntas e são interdependentes – os avanços no desenvolvimento cognitivo refletem sobre a esfera afetiva e

vice-versa. É diante dessa constatação que o autor enfatiza a importância do papel da educação para a formação moral e ética, não só nas crianças, mas também nos adultos.

Projeto de vida

A palavra *projeto*, no sentido mais abrangente, diz respeito ao futuro, um plano, algo a ser atingido, e nos reporta ao conceito de ética considerado neste estudo, visto que corresponde às perguntas: *Que vida viver?* Ou *Que Vida vale a pena viver?* A ética, assim considerada, não remete a deveres, mas sim a aspirações (LA TAILLE, 2006). De acordo com Piaget e Inhelder (1976, p. 260),

Um plano de vida é, em primeiro lugar, uma escala de valores que colocará alguns ideais como subordinados a outros e subordinará os valores meios aos [valores] fins considerados como permanentes. [...] Um plano de vida é de outro lado, uma afirmação de autonomia, e a autonomia moral enfim inteiramente conquistada pelo adolescente, que se considera igual aos adultos, é um outro aspecto afetivo essencial da personalidade nascente que se prepara para enfrentar a vida.

Piaget (1932/1994), ao falar da autonomia, aponta para uma avaliação ética e moral das relações, qual seja considerar o outro e o bem comum, ou não, nos resultados das próprias ações no mundo. Assim, falar sobre um projeto de vida é uma tarefa que pode se adequar ao campo dos estudos da ética.

Para Nascimento (2006), a presença do outro remete à ideia de partilha necessária tanto em relação às particularidades da vida de cada sujeito como para a vida em relação. Significa que o individual e o coletivo estão presentes tanto na subjetividade quanto na objetividade do sujeito. Não existe uma separação, mas uma relação entre essas partes.

Partindo-se desse pressuposto, a definição de Projeto de Vida considerada nesse estudo tem o sentido de aspirações, desejos de realizações, que se projetam para o futuro como uma visão antecipatória de acontecimentos, cuja base reside em uma realidade construída na interseção das relações que o sujeito estabelece com o mundo. É, portanto, constituído por um conjunto de aspectos que estruturam o campo psicossocial.

Projeto de vida profissional

O processo de globalização pelo qual vem passando a sociedade contemporânea a torna exigente em várias áreas, como o mercado de trabalho, a economia, a política e aos aspectos sociais como um todo. Em função das novas concepções atreladas a esse momento histórico, percebe-se com nitidez uma vigorosa mudança de valores. Se por um lado, essas exigências trazem o aperfeiçoamento da democracia e das relações sociais, por outro implicam em uma acentuação das desigualdades sociais, da violência, da corrupção e do individualismo, para mencionar apenas algumas delas.

Nesse contexto, surge a preocupação com a ética e a moral e, em função disso, com os valores que vêm sendo construídos pelos profissionais nos tempos atuais. Constata-se um crescente interesse acerca da temática ética/moral na área da educação, porém, ainda são poucos os estudos desenvolvidos relacionando-a com os projetos de vida, sobretudo aos profissionais. A ética é explicitada nos Parâmetros Curriculares Nacionais como um tema transversal e, em alguns cursos de graduação, quando são explicitados os aspectos éticos profissionais das áreas da saúde.

O período da formação acadêmica, muitas vezes esquecido como um prolongamento desse processo de construção de valores, precisa ser considerado nas investigações para que se possa conhecer esse processo contínuo. A entrada na universidade representa para muitos a entrada no mundo adulto, no qual há uma maior liberdade para o aluno cuidar de si, mas ao mesmo tempo ele sofrerá um maior nível de cobrança. É possível que seja nesse momento da trajetória da formação, quando o controle externo é substituído pelo autocontrole, fase da autonomia moral, que os valores venham a se “solidificar” e subsidiar práticas profissionais mais, ou menos, dignas. O futuro profissional descobre que vive em sociedade, que suas decisões do presente influenciarão não só o seu futuro, mas terão importantes repercussões sociais, ou seja, que ele tem muito *poder* para influir na sociedade.

Nessa perspectiva, entende-se que a formação ética dos profissionais, tendo em vista que esses têm uma importante função no desenvolvimento da sociedade, é extremamente relevante. Não basta pensar que só a formação técnica de uma pessoa é suficiente para ela enfrentar todos os problemas da vida, pois esta é muito mais complexa e requer outros tipos de preparação, caso haja interesse em enfrentá-la de forma mais digna. É necessário ter uma preparação ética, moral, cultural, para que se possa cometer menos injustiça e não se tornar extremamente individualista, como dizem Liebesny e Mortara (2003, p. 240): “[...] a ética em que se implica uma categoria profissional deve ser refletida desde todo o processo de formação de seus integrantes”.

A implantação e a estrutura da UNIVASF

Segundo Brasil (2003), a Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, criada e estabelecida pela Lei nº. 10.473 de 27 de junho de 2002, situada no semi-árido nordestino, teve como proposta atender, principalmente, a expectativa da população em diminuir a saída dos jovens da região do Polo Petrolina/Juazeiro.

A pesquisa realizada por Siqueira, Tomé, Vichi e Lima (2006), a qual teve como objetivo identificar os perfis socioeconômicos e demográficos dos estudantes que pleitearam e que de fato conseguiram ingressar na UNIVASF, por meio do exame vestibular-2006, apresenta dados interessantes e importantes.

Com relação ao curso de Psicologia, segundo o estudo citado acima, foram constatados que os principais motivos que levaram os alunos a optarem pelo curso foram: interesse pela área (85%), vocação para o curso (48%), para melhor se entenderem (24%). Os autores procuram também investigar sobre quais seriam as atribuições profissionais do Psicólogo, mais reconhecidas pelos alunos ingressantes na UNIVASF por meio do vestibular 2006, e constaram que as três mais sinalizadas pela amostra em questão (21 alunos da Psicologia) foram: atendimento clínico (95%), orientação vocacional (91%), e aplicação de testes (86%). Observaram, ainda, que em torno de 48% dos alunos questionados disseram acreditar que o mercado de trabalho para a Psicologia é próspero e que ele tende a melhorar a médio ou longo prazo; 24% afirmaram ser promissor e com várias oportunidades de emprego. Os alunos julgaram que, em média, um Psicólogo ganha 2.000 reais, sendo que o máximo que foi sinalizado foi de 10 salários mínimos, apontados por 19% dos alunos (SIQUEIRA et al., 2006, p. 26).

A formação do profissional psicólogo: algumas considerações

O curso de Psicologia vem sendo discutido, já há algum tempo, nas mais diversas instâncias. O MEC/ SESU, a partir do Edital 04/97, constituiu uma Comissão de Especialistas no Ensino da Psicologia para cuidar da elaboração da proposta de diretrizes curriculares para os cursos de graduação, o que passou a promover amplos debates e mobilizações nas entidades de representação dos

psicólogos e nos cursos de formação. Observa-se que, como resultado das discussões, prevalece a opção por uma formação generalista do psicólogo e uma preocupação com a qualidade das práticas profissionais desenvolvidas.

Moura (1999, p. 1) apresenta uma preocupação com os profissionais que se tem produzido e destaca que o objetivo dessa formação generalista seria

formar psicólogos-cidadãos comprometidos com a realidade social, atuando enquanto agentes de transformação, na direção da construção de uma sociedade mais justa e democrática. Para tal, propugna-se uma formação que propicie e favoreça a preparação de profissionais que reflitam e critiquem, amplamente, suas práticas.

A autora propõe em seu artigo uma reflexão acerca da formação do psicólogo e dos caminhos que estão sendo trilhados em busca da construção de novas práticas profissionais. Justifica sua preocupação por considerar que a Psicologia vem passando por uma crise, como consequência do desenvolvimento de práticas que ainda seguem modelos naturalistas, dentre outros, pouco aceitáveis na realidade atual. Essa inquietação vem norteando as discussões e provocando questionamentos a respeito do papel da Psicologia e do psicólogo.

Ao não pensar em dimensões sociais mais amplas e concretas, corre-se o risco de uma prática alienante e descontextualizada, além de uma análise reducionista, a qual tem o sujeito como centro, isolado das relações sociais que desenvolve e estabelece com o contexto social no qual está inserido. Uma prática que prevê uma análise dos fenômenos como construídos socialmente certamente não ficará restrita ao óbvio, buscará enxergar como se movimentam e se articulam os mais diversos processos coletivos que envolvem o fenômeno em estudo. O psicólogo não pode desconhecer esse processo de inserção e de articulação do sujeito em sua realidade concreta, pois só a partir desse “olhar” poderá contribuir para a transformação social da realidade tão desejada, na qual possa ser promovida a saúde e a dignidade do ser humano.

No entanto, é importante lembrar que a formação acadêmica deve ser a base para se pensar nesse novo modelo da prática. Entende-se que a estruturação do curso, as concepções teórico-metodológicas dos docentes, bem como a coerência e perfeita articulação entre essas, tendem a influenciar a prática dos futuros profissionais.

Chama-se a atenção para que o processo de formação, a partir do modelo generalista, não caracterize um equívoco conceitual, levando à formação de um profissional sem preparo técnico suficiente para atuar satisfatoriamente em nenhuma das áreas e, sim, para “[...] construir um profissional capaz de empreender uma prática pluralista, crítica e transformadora, que saiba reconhecer as demandas de intervenção e propor caminhos que atendam a essas demandas” (MOURA, 1999, p. 8).

Aspectos metodológicos

Foram selecionados 50 alunos de ambos os sexos, do 1º. período, do 4º. período (o qual correspondia à metade do curso), e do 8º. e último período do curso de Psicologia, por interessar ao estudo comparar os possíveis redimensionamentos e/ou modificações nos projetos profissionais, por entendê-los como consoantes à história individual de cada um e às novas relações grupais que vão sendo estabelecidas. Partiu-se da concepção de que esses projetos fazem parte de um *projeto de vida* que emerge da trama complexa de relações, de construção de saberes sobre si e sobre o mundo à medida que significados são partilhados no cotidiano.

Procedimentos de pesquisa

Houve um sorteio pelo diário de classe nas turmas do 1º., 4º. e 8º. períodos e os sorteados eram livres para aceitar ou não participar do estudo. Os cuidados éticos foram rigorosamente mantidos, os participantes foram selecionados e tiveram conhecimento do objetivo da pesquisa, dentre outras informações necessárias. Em seguida, foi aplicado coletivamente um questionário com perguntas fechadas, visando a obter alguns dados sociodemográficos dos participantes, e com *frases incompletas* que os estudantes deveriam completar. As sentenças formuladas para que eles completassem tiveram o propósito de avaliar os valores e crenças dos estudantes com relação ao profissional psicólogo, além de conhecer os seus projetos de vida profissionais.

Tratamento dos dados

No que concerne ao tratamento e análise dos dados oriundos das questões fechadas, formaram-se categorias com a finalidade de realizar uma avaliação estatística deles. O tratamento dos dados englobou a análise qualitativa e quantitativa. A prioridade foi a análise qualitativa, uma vez que a riqueza das respostas e das justificativas dos sujeitos foi objeto da demonstração e da discussão dos resultados. Para análise dos dados decorrentes das questões abertas (*completar as sentenças*), foi feita a análise do conteúdo. Em seguida, os dados foram apresentados de forma que permitiram ao pesquisador tirar conclusões a partir deles, ou seja, poder identificá-los por meio de *núcleos de significados*. E, finalmente, foram organizados em *categorias de análise*.

Resultados e análise

A amostra dos participantes (36% do 1º. período; 32% do 4º. período; 32% do 8º. período) apresenta-se como predominantemente feminina (84%), estando a maioria (46%) na faixa etária entre 18 e 20 anos. Quanto à naturalidade dos participantes, 52% são da Bahia, 32% de Pernambuco, 4% do Piauí, 10% de outros Estados e apenas 01 sujeito não respondeu (2%). Os pais são os maiores responsáveis pela manutenção financeira deles (36%), um dos pais (32%), ele mesmo (10%), um dos pais junto com ele (6%), um dos pais junto com a irmã (4%) e apenas a irmã (4%), enquanto outros responsáveis representam o percentual de 8%. Dos participantes, 26% exercem atividades remuneradas, enquanto 74% não exercem atividade remunerada (tabela 1). As atividades que exercem são: bolsista da universidade (58,8%), professor (15,4%), artesã(o) (7,7%), atriz (7,7%) e servidor público (7,7%). Os motivos que os levam ao exercício dessa atividade (tabela 2)¹ giram em torno da necessidade de ajudar nas despesas (31,25%), o que sinaliza as dificuldades enfrentadas pelo afastamento da cidade de origem, de suas casas e da família, vez que a maioria é oriunda de diferentes municípios localizados no interior da Bahia.

Tabela 1

Você tem atividade remunerada?	
Categorias	%
Não	74
Sim	26
Total	100

1 Algumas das respostas dadas às questões virão sempre abaixo da respectiva tabela.

Tabela 2

<i>(Quando a resposta anterior for afirmativa) Por que você exerce essa atividade?</i>	
Categorias	%
Ajudar nas despesas	31,25
Ter independência financeira	18,75
Por gosto e prazer	12,50
Adquirir conhecimento	12,50
Ter passado em concurso	12,50
Interesse na Pós-Graduação	12,50
Total	100

(...) me possibilita o sustento em relação às despesas da faculdade (Cremilda² - 8º. período)

(...) aliviar os gastos de minha família (Aleide - 1º. período)

Nas categorias criadas a partir das concepções dos estudantes a respeito do profissional psicólogo (tabelas 3 e 4), observa-se que *cuidado com o outro* apresenta o maior percentual (38%), como característica “mais admirada” por eles, enquanto *falta de postura ética e moral* (36%) como a “menos admirada”. Este dado aponta um entendimento acerca da prática do psicólogo voltada, sobretudo, para o cuidado com o outro e uma crítica contra a falta de postura ética e moral que identificam nos profissionais que atuam na área (ver o que dizem as respostas abaixo). A categoria que vem a seguir – *incapacidade para dialogar com diferentes abordagens psicológicas* (20%) – também aparece como uma crítica aos profissionais que, inclusive, fazem parte do cenário dos alunos, e aponta para a falta de respeito e aceitação da constituição histórica do outro, o que caracteriza falta de princípios éticos norteando esta prática profissional.

No entanto, a *postura ética e moral* aparece com o menor percentual (14%) como característica “mais admirada”. É como se considerassem a formação ética e moral como inerente aos profissionais, principalmente aos da psicologia, dos quais se espera a prática do cuidar efetivamente do outro, com respeito, consideração, reconhecimento, ou seja, sem negá-lo na relação, fato que não se sustenta pelas colocações feitas sobre o profissional atual quando se observa a categoria *falta de postura ética* como a “menos admirada”.

Tabela 3

<i>O que mais admiro no profissional da psicologia é...</i>	
Categorias	%
Cuidado com o outro	38
Habilidades desenvolvidas	29
Conhecimento adquirido	19
Postura ética e moral	14
Total	100

O cuidado com o outro (Berta - 4º. período)

A busca do saber, para ser dirigido ao outro de forma ética (Candice - 8º. período)

2 Todos os nomes atribuídos aos sujeitos são fictícios.

Tabela 4

<i>O que menos admiro no profissional da psicologia é...</i>	
Categorias	%
Falta de postura ética e moral	36
Incapacidade para dialogar com diferentes abordagens psicológicas	20
Falha no exercício da profissão	20
Discriminação por parte da sociedade	12
Não sei responder	8
Outros	4
Total	100

Competitividade de abordagens teóricas, pelo menos parece ser a realidade aqui na Univasf (Celiane - 8º. período)

[...] é a "alienação", digamos assim, pelas abordagens, pois parecem igrejinhas (Bela - 4º. período)

As categorias presentes nas tabelas 5 e 6 dizem respeito aos projetos de vida profissionais dos estudantes, às expectativas profissionais e aos motivos apontados para as mesmas. Pode-se observar acentuado desejo em *trabalhar na área da psicologia* (50%), por terem *interesse na área* (42%), fato que condiz com a pesquisa de Siqueira, Tomé, Vichi e Lima (2006), com relação ao curso de Psicologia, onde o principal motivo que levou os alunos a optarem pelo curso foi *interesse pela área* (85%). Percebe-se que o interesse persiste nos três períodos pesquisados e que das 25 respostas dadas para a categoria *trabalhar na área da psicologia*, 44% especificam o interesse pela clínica e/ou hospitalar, enquanto as outras respostas não especificam ou se distribuem nas mais diversas áreas da psicologia. No entanto, é importante destacar que essa tendência vai diminuindo à medida que o período do curso vai aumentando, ou seja, dos alunos do 1º. período, 6 especificaram o interesse pela clínica e/ou hospitalar; no 4º. período, 3 especificaram e no 8º. apenas 1 aluno especificou esse interesse.

Esse fato permite, mais uma vez, um olhar na citada pesquisa, quando foi perguntado aos alunos ingressantes quais seriam as atribuições profissionais do Psicólogo mais reconhecidas e eles responderam *atendimento clínico* (95%). É possível que esse dado exista em função do contato com as práticas que vão desenvolvendo no decorrer do curso, o que demonstra a influência: do contexto no processo da formação; das relações que vão estabelecendo nesse espaço de conhecimento; do desenvolvimento de uma maior autonomia intelectual e de condução da vida acadêmica.

Parte-se do princípio que a produção do saber e, conseqüentemente, do fazer, é constituída na realidade social na qual o homem se encontra inserido. Nesse caso, o espaço da formação acadêmica, como um aspecto dessa realidade social, certamente exerce influência na dimensão subjetiva desses sujeitos e pode levá-los a uma análise crítica de seus conhecimentos e instrumentos psicológicos, bem como de seu compromisso social.

Tabela 5

<i>Ao concluir meu curso de psicologia tenho planos de...</i>	
Categorias	%
Trabalhar na área da psicologia	50
Fazer pós-graduação	32
Prestar concurso público	12
Outros	6
Total	100

Poder montar meu consultório [...] (Anália - 1º. período)

Penso em ser psicólogo clínico ou hospitalar, mas não sei qual abordagem seguir ainda (Bela - 4º. período)

Trabalhar e me qualificar (Cremilda - 8º. período)

Tabela 6

<i>(Ao concluir meu curso de psicologia tenho planos de...) Porque...</i>	
Categorias	%
Interesse na área	42
Interesse na estabilidade financeira	21
Interesse em buscar mais conhecimento	19
Interesse em atender as demandas psicológicas	17
Outros	1
Total	100

Considerações finais

Observa-se que a temática “ética e moral” vem sendo bastante discutida nos dias atuais nos mais diversos âmbitos, como na mídia, nos congressos, nas universidades etc. Essa preocupação é vista como positiva por demonstrar o interesse dos educadores na transformação social, sobretudo no fortalecimento do autorrespeito e do respeito pelo outro. Entende-se que o trabalho da educação é fundamental na construção de uma formação ética e moral das novas gerações. “Quanto mais progride a humanidade, mais rica é a prática sócio-histórica acumulada por ela, mais cresce o papel específico da educação e mais complexa é a sua tarefa” (LEONTIEV, 2004, p. 291).

Dessa forma, a educação não pode ficar alheia a este momento histórico de desenvolvimento da humanidade - dos valores que o ser humano vem construindo durante todo o seu processo de formação, os quais serão determinantes no seu modo de agir e nas práticas profissionais que irão desenvolver.

Nessa perspectiva, os resultados deste estudo instigam uma reflexão a respeito da “profissão do cuidado”, para não se reduzir a formação do psicólogo à prática de ajuda aos que sofrem, sem a preocupação com o compromisso da transformação social. “Pensar a formação em psicologia implica, então, refletir sobre a ética subjacente às características do psicólogo que se quer formar, à qualidade da categoria que se quer construir e aos projetos que a psicologia tem construído” (LÍEBESNY e MORTARA, 2003, p. 252).

Não é proposta deste trabalho esgotar a discussão a respeito dos projetos profissionais na perspectiva da ética e da moral, ao contrário, considera-se necessária uma ampliação do estudo com estudantes de outros cursos, para que seja possível conhecer os valores e crenças construídos em outros contextos da formação e qual seria o papel do *outro* nos seus projetos.

Referências

BOCK, A. M. M.; LIEBESNY, B. Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens em São Paulo. In: OZELLA, S. A. Adolescências construídas - a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL, G. H.; ARTHMAR, R. et al. O vale de São Francisco e o Pólo Petrolina-Juazeiro: trabalho do grupo para a implantação da Univasf, 2003.

LA TAILLE, Y. Desenvolvimento do juízo moral e afetividade na teoria de Jean Piaget. In: LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. (Orgs.), Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus Editorial, p. 47-73, 1992a.

LA TAILLE, Y. et al. Construção da fronteira moral da intimidade: a humilhação e a vergonha na educação moral. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 82, p. 43-45, 1992b.

LA TAILLE, Y. Cognição, afeto e moralidade. In: OLIVEIRA, M. K. de; SOUZA, D. T. R. & REGO, T. C. (Orgs.), Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, p. 135-158, 2002.

LA TAILLE, Y. Palestra realizada pelo autor na Universidade Federal do Espírito Santo, tendo por tema A relação entre moralidade e violência, 2004.

LA TAILLE, Y. Moral e ética. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LA TAILLE, Y., TELAM V.; CLARY, S. Crise de valores ou valores em crise: ética e contemporaneidade. (Apresentação de Trabalho no Congresso Norte Nordeste de Psicologia – V CONPSI) 2007.

LEONTIEV, A. O homem e a cultura. In: O desenvolvimento do psiquismo. São Paulo: Centauro, 2004, p. 277-302.

LÍEBESNY, B.; MORTARA, P. M. G. C. Ética profissional e psicologia sócio-histórica. In: BOCK, A. M. M (Org). A perspectiva sócio-histórica na formação em Psicologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MIRANDA, F. H. F. Projetos de vida na adolescência: um estudo na área da ética e da moralidade. 2007. 131f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

MOURA, E. P. G. de. A psicologia (e os psicólogos) que temos e a psicologia que queremos: reflexões a partir das propostas de diretrizes curriculares (MEC/SESU) para os cursos de graduação em psicologia. Psicologia Ciência e Profissão, v. 19, n. 2, p. 10-19, 1999.

NASCIMENTO, I. P. Projeto de vida de adolescentes do ensino médio: um estudo psicossocial sobre suas representações. Imaginario [online]. junho 2006, v. 12, n.12. p. 55-80.

Disponível em: <http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-66X2006000100004&lng=es&nrm=iso. ISSN 1413-666X, 2006>. Acesso em: 18 set. 2008.

PIAGET, J.; INHELDER, B. Da lógica da criança à lógica do adolescente. Tradução D. M. Leite. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976. (Trabalho original publicado em 1970)

PIAGET, J. O juízo moral na criança. Trad. Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1994. (Trabalho original publicado em 1932)

SINGER, P. Ética prática. Trad.: Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SIQUEIRA, L. P.; TOMÉ, P. M. A.; VICHI, C.; LIMA, M. Educação multicultural e ensino superior: Um estudo do perfil socioeconômico e demográfico de estudantes que pleiteiam à UNIVASF. In: Simpósio Nacional de Probabilidade Estatística, Caxambu, MG, 2006.